



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA- DG  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**ÁLVARO AGUSTINHO**

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA A PARTIR DA PRÁTICA  
DESENVOLVIDA**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2014**

**ÁLVARO AGUSTINHO**

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA A PARTIR DA PRÁTICA  
DESENVOLVIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Joana d'arc Araújo Ferreira

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A923e Agostinho, Álvaro  
Estágio supervisionado em geografia a partir da prática desenvolvida [manuscrito] / Alvaro Agostinho. - 2014.  
30 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Joana d'arc Araújo Ferreira,  
Departamento de Geografia".

1. Estágio Supervisionado 2. Ensino Médio 3. Ensino de Geografia I. Título.

21. ed. CDD 371.225

## ÁLVARO AGUSTINHO

### ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA A PARTIR DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

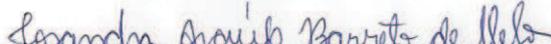
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

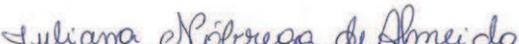
Orientadora: Profª Drª. Joana d'arc Araújo Ferreira

Aprovado em: 27 / 11 / 2014.

#### BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Profª Drª. Joana d'arc Araujo Ferreira/UEPB  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Profª Drª. Josandra Araujo Barreto de Melo/UEPB  
Examinador

  
\_\_\_\_\_  
Profª M.ª Juliana Nobrega de Almeida/UEPB  
Examinador

## RESUMO

### ESTAGIO SUPERVISIONADO: análise e discussão

AGUSTINHO, Álvaro<sup>1</sup>

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo relatar uma experiência docente adquirida durante a realização do Estágio Supervisionado realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Luiz Gonzaga Fernandes, situada na Rua das Pitombeiras S/N – Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz, no município de Campina Grande-PB, por meio da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, fase elementar na vida do licenciando concluinte do curso de Geografia. Buscou-se a partir do trabalho realizado, além da aproximação com as práticas docentes, tanto na teoria quanto na prática, contribuir para a reflexão sobre o estágio supervisionado, o ensino de Geografia e a formação do professor. Metodologicamente, se trata de uma pesquisa qualitativa, fundamentada em referencial teórico especializado, observações *in loco* e participação, quer seja na regência dos estágios ou na participação da vida escolar como um todo, que nos possibilita realizar uma leitura mais aprofundada da Geografia Escolar e da Escola.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. Geografia Escolar. Formação docente.

## 1 INTRODUÇÃO

O período de estagio é uma situação em que o aluno de licenciatura tem para poder colocar em prática um pouco do que ele aprendeu, haja vista que o tempo é curto para que possa mostrar mais coisa que viu dentro da academia, mas tem que fazer desse “minúsculo tempo” o maior possível para que seja proveitoso para ele, como para os alunos que o observa, sem falar no seu orientador, que deseja que o faça de forma sutil e bastante objetiva aquilo que foi proposto ao longo das aulas de Estagio Supervisionado.

---

1

Aluno concluinte do Curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. alvarofera1@hotmail.com

É no período do Estágio Supervisionado que vemos um pouco da realidade que os educadores encontram no dia-a-dia de suas batalhas em sala de aula, é por isso que antes de poder fazer uma participação efetiva no ensino, sejam eles Fundamental Médio ou Superior, temos que fazer uma breve observação daquilo que podemos estar vivenciando a cada dia. E de início foi feita essa análise procurando observar de modo geral aquela sala de aula, que por alguns dias seria minha ou estaria sob a minha responsabilidade e o que poderia ser feito para desmistificar um pouco o ensino fazendo com que os alunos refletissem sobre as coisas que estão nos rodeando ao longo dos tempos, isso porque a própria matéria a qual estava ali para produzir com os alunos fala justamente de como enxerga o mundo com outros olhares e mediante isso procurar “soluções” e torna-se um crítico das coisas que acontecem.

Ao professor de geografia lhe cabe a função de orientar e nortear no processo de formação de um cidadão em construção para aprender a conhecer, a inventar, a viver e a ser. Pela importante função que desempenha na análise e explicação dos processos que permeiam o espaço enquanto objeto de estudo da Geografia, o professor deve procurar maneiras e alternativas de modificar os indivíduos, tutelados e infantilizados, em sujeitos livres e críticos para o pleno exercício da cidadania, cujos conhecimentos se tornem competências cognitivas, afetivas e psicomotoras, nas possibilidades de sensibilidade e solidariedade, necessários ao aperfeiçoamento da vida em sociedade e na construção de um novo mundo.

Entendendo que ao identificar seu lugar no mundo, o espaço de sua vida cotidiana, o aluno pode estabelecer símbolos, compreender impasses, incongruências e desafios do nível local ao global, adquirindo capacidades de inter-relacionar esses processos que rodeiam as relações, assumindo uma postura crítica e independente.

Dessa forma, o educando do séc. XXI terá na ciência geográfica importante fonte para seu desenvolvimento enquanto cidadão que trabalha com novos conceitos e interpretações em escalas onde o local e o global se determinam numa exata rede que se compartilha funções, palavras, opiniões, modos de vida e comportamentos diversos, exigindo então completa

compreensão e tolerância mediante os acontecimentos existentes nos territórios e dessa forma, a Geografia pode transformar possibilidades em potencialidades (re) construindo o cidadão brasileiro e do mundo.

## **2 RELATO HISTÓRICO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

O conceito de estagio supervisionado consolidou-se, historicamente, no Brasil, ligado ao conjunto de Leis Orgânicas do Ensino Profissional, definidas no período de 1942 a 1946. Os estágios supervisionados se constituíam em passarelas construídas entre a teoria e a pratica no processo da formação profissional, à época, encarada como preparação para postos de trabalho, como recomendava a OIT – Organização Internacional do Trabalho.

Os estágios supervisionados, na década de quarenta do século passado, representavam oportunidade aos alunos da formação profissional industrial, comercial ou agrícola de conhecerem “*in loco*” e “*in service*” aquilo que teoricamente lhes era ensinado nas escolas técnicas. Esta era a oportunidade que os alunos tinham de manter um contato direto com o mundo do trabalho, uma vez que no próprio ambiente escolar, nos laboratórios e nas salas-ambientes especializadas, essa pratica profissional era muito incipiente, mesmo na qualidade de pratica simulada e supervisionada/orientada. Mas foi na década de setenta, com a implantação da Lei Federal de nº 5.692/71, que os estágios supervisionados ganharam forca e cresceram em importância, uma vez que o Parecer CFE nº 45/72, do extinto Conselho Federal de Educação, considerou o estagio profissional supervisionado como obrigatório para as habilitações profissionais técnicas do setor primário e secundário da economia, bem como para algumas ocupações da área da saúde, permanecendo livre para as demais ocupações do setor terciário da economia, ou seja, das áreas de comercio e serviços. Portanto, embora a noção de Estagio Supervisionado tenha origem na Educação Profissional, a própria Legislação Federal especifica que o regulamentou, entretanto, foi sabida, ao considerá-lo como “estagio curricular” e como “atividade de aprendizagem social, profissional e cultural”, o qual deve ser proporcionado ao estudante pela “participação em situações reais de vida e de trabalho, de seu meio, sendo realizado na comunidade em

geral ou em empresas ou organização pública ou privadas, sempre sob a responsabilidade da instituição de ensino”. Podemos destacar algumas denominações que foram utilizadas na Lei Federal de nº 6.497/77 para caracterizar essa atividade de estágio supervisionado, ou seja, como eram chamadas: “complementação do ensino e da aprendizagem”, “instrumento de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico-cultural-científico e de relacionamento humano”, “participação em empreendimentos ou projetos de interesse social”.

Portanto a Lei nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008, dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Pois o Art. 1º da nova Lei diz que o: Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

### 3. ANÁLISE TEÓRICA

O Antoni Zabala, no seu livro: *A PRÁTICA EDUCATIVA: como ensinar*, enfatiza em seu capítulo (**unidades de análise**), que: Um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Geralmente se consegue esta melhora profissional mediante o conhecimento e a experiência: o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e a experiência para dominá-las.

Pois é que na sociedade contemporânea, as rápidas transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico configurando a sociedade virtual e os

meios de informação e comunicação incidem fortemente na escola, aumentando os desafios para torná-la uma conquista democrática efetivas. Transformar práticas e culturas tradicionais e burocráticas das escolas que, por meio da retenção e da evasão, acentuam a exclusão social não é tarefa simples nem para poucos. Então o desafio é educar as crianças e os jovens proporcionando-lhes um desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, de modo que adquiram condições para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo. O tal objetivo exige esforço constante de diretores, professores funcionários e pais de alunos e de sindicatos, governantes e outros grupos sociais organizados.

O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. A educação, ou seja, a prática educativa é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliarem no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social. Partindo do pressuposto entendemos que o desenvolvimento profissional dos professores é objetivo de propostas educacionais que valorizam a sua formação não mais baseada na racionalidade técnica, que os considera meros executores de decisões alheias, mas em uma perspectiva que reconhece sua capacidade de decidir. Ao confrontar suas ações cotidianas com as produções teóricas, é necessário rever as práticas e as teorias que as informam, pesquisar a prática e produzir novos conhecimentos para a teoria e a prática de ensinar. Assim, as transformações das práticas docentes só se efetivarão se o professor ampliar sua consciência sobre a própria prática, a de sala de aula e a da escola como um todo. O que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade. Tais propostas enfatizam que os professores colaboram para transformar a gestão, os currículos, a organização, os projetos educacionais e as formas de trabalho pedagógico das escolas. E é no próprio Estágio Supervisionado que temos que ver ou até mesmo sentir que na sociedade brasileira contemporânea novas exigências são acrescentadas ao trabalho dos

professores. Pimenta e Lima, diz que o estagio necessita ser compreendido como um “campo de conhecimento” e de produção de saberes, e não como uma “atividade prática instrumental”. É um “lugar de reflexão sobre a construção e o fortalecimento da identidade” docente, e deveria ser eixo curricular central nos cursos de formação de professores, promovendo uma superação da dicotomia entre a teoria e a prática, aproximando a realidade da atividade teórica. Com o colapso das velhas certezas morais, cobra-se deles que cumpram funções da família e de outras instâncias sociais; que resolvam os problemas da violência, da droga e da indisciplina; que preparem melhor os alunos para as áreas de matemática, de ciência e tecnologia para colocá-los em melhores condições de enfrentar a competitividade; que restaurem a importância dos conhecimentos e a perda da credibilidade das certezas científicas; que sejam os regeneradores das culturas/identidades perdidas com as desigualdades/diferenças culturais; que gerenciem as escolas com parcimônia; que trabalhem coletivamente em escolas com horários cada vez mais reduzidos. Em que pese à importância dessas demandas, não se pode exigir que os professores individualmente as atendessem. Espera-se, pois, que, coletivamente, apontem caminhos para enfrentamento dessas exigências. Então entendas que:

Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade? (LIBÂNEO, 1994, p.16).

No livro: Práticas pedagógicas, profissão docente e formação. Perspectivas sociológicas, o autor PERRENOUD, 1997, p.24, diz que: O saber, para ser ensinado, adquirido e avaliado, sofre transformações: segmentação, cortes, progressão, simplificação, tradução em lições, aulas e exercícios, organização a partir de materiais pré-construídos (manuais, brochuras, fichas). Além disso, deve inscrever-se num contrato didático viável, que fixa o estatuto do saber, da ignorância, do erro, do esforço, da atenção, da originalidade, das perguntas e respostas. A transposição didática dos saberes e a epistemologia

que sustenta o contrato didático baseiam-se em muitos outros aspectos, para além do domínio acadêmico dos saberes.

Na formação de professores, os currículos devem considerar a pesquisa como princípio cognitivo, investigando com os alunos a realidade escolar, desenvolvendo neles essa atitude investigativa em suas atividades profissionais e assim tornando a pesquisa também princípio formativo na docência.

Alem disso, é no âmbito do processo educativo que mais intima se afirma a relação entre a teoria e a prática. Essencialmente, a educação é uma prática, mas uma prática intencionada pela teoria. Disso decorre atribuímos importância ao estágio no processo de formação do professor. Entendendo que ele faz parte de todas as disciplinas, percorrendo o processo formativo desde o início. O estágio também pode servir de espaço de projetos interdisciplinares, ampliando a compreensão e o conhecimento da realidade profissional de ensinar. As experiências docentes dos alunos que já atuam no magistério, como também daqueles que participam da formação continuada, devem ser valorizadas como referências importantes para serem discutidas e refletidas nas aulas.

[...] a carreira docente, com exceção da universitária (considerada normalmente um corolário ou um apêndice da especialização), era e ainda é, em grande parte, vista como algo destinado tão somente àqueles que não têm competência para exercer outras atividades. (VESENTINI, 2002, p. 235)

O estágio para os alunos que ainda não exercem o magistério pode ser um espaço de convergência das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso e, principalmente ser uma contingência da aprendizagem mediada pelas relações sociais historicamente situadas. (GARRIDO; LIMA, 2004, p.101).

Pimenta e Gonçalves (1990, p.13) consideram que a finalidade do estágio é a de propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Na realidade, a prática do estágio constitui a ponte de construção de horizontes para o estagiário, face às curiosidades que o mesmo adquire até o momento antes de seu contato preliminar e direto com o ambiente escolar.

### **3 GEOGRAFIA: O QUE E COMO ENSINAR**

Passamos um bom tempo na academia, e observamos que diante a realidade que permeia o ensino de geografia às vezes nos perguntamos: **o que, e como ensinar geografia?** Isso porque estamos muito bitolados a transmitir para aqueles apenas o que os livros didáticos nos trazem, mas “sabendo” que dentro de cada informação ali contidas pode-se extrair muito mais. Pois a geografia, como disciplina escolar, oferece contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia, ou seja, as atuais abordagens do conhecimento geográfico no Brasil resultam das várias correntes de pensamentos, desde aqueles influenciados pela escola de Vidal de La Blache até as contemporâneas, onde pesquisadores orientam-se teórica e metodologicamente com maior ênfase por correntes do neopositivismo; outros, por correntes humanísticas e psicológicas da geografia da percepção e pela fenomenologia; outros, ainda, pelo materialismo histórico e dialético.

### **4 A PROBLEMATICA DO ESTAGIO**

Como vivenciado no Estagio Supervisionado, poderíamos ou podemos apontar vários problemas que dificulta um pouco o trabalho do aluno que no futuro poderá ser professor. E um desses fatores problemáticos é falta de uma escola de aplicação que facilitaria o trabalho desse discentes na sua caminhada para o futuro. Isso porque as escolas a qual vamos realizar o nosso “estudo” sendo ela privada ou pública tem suas cargas horárias reservadas para as suas aulas, e sim dificultando um pouco a aceitação do estudante universitário, sem falar que essas instituições não apresentariam o mesmo tipo de compromisso e envolvimento, tanto no que se refere à instituição quanto ao corpo docente. Dentro de uma análise podemos ver que as infraestruturas

oferecidas por escolas de aplicação, os seus professores teriam carga horária reservada e remunerada apenas para terem disposição para os estagiários, o que marcaria uma grande diferença em relação às outras. Mas como sabemos, no caso de instituições particulares, um investimento desse tipo se tornaria inviável, na medida em que, para a iniciativa privada de uma maneira geral, significaria perda de lucro, pois os principais interesses que movem seu funcionamento se concentram, prioritariamente, em outros objetivos que não os educacionais. Mas isso não anularia a necessidade de se conhecer o funcionamento da prática de ensino nesse tipo de instituição.

Mas de onde surgiu essa ideia de escola de aplicação? Elas já tinham seu surgimento na Alemanha desde 1810, nos Estados Unidos, 1882 e no Chile desde 1934. Já no Brasil segundo Abreu (1992), foi influenciada dos estudos realizada nos Estados Unidos, pelo professor Luiz Narciso Alves de Mattos que, posteriormente, seria diretor do Colégio de aplicação da *UERJ*, desde a sua fundação até meados da década de 1960. Naquele país, tais colégios “vinham se destacando como o motor do desenvolvimento do ensino secundário” (Abreu, 1992: 38).

No Brasil, a ideia de criação dos colégios de aplicação aparece, com mais força, a partir da década de 1930, com o movimento da Escola Nova, visando renovar o sistema educacional brasileiro.

Esse grupo lançou em 1932 o Manifesto dos pioneiros da educação nova, em defesa da escola pública universal e gratuita. Seu papel inovador consistiu, sobretudo, em enfatizar a melhoria dos procedimentos psicopedagógicos da escola em benefício dos alunos. O investimento na formação do professor secundário também era visto como meio de produzir alunos mais bem preparados para enfrentar a universidade e a vida profissional. Foi dentro desse quadro de referência que surgiu a ideia dos colégios de aplicação, como espaço onde se colocaria em prática o ideário da Escola Nova (Idem, p. 36-37).

## **5 ATIVIDADES DE ESTAGIO EM SALA DE AULA**

A execução das atividades relativas ao estágio sempre trazem

ansiedade e incertezas quanto aos resultados pedagógicos esperados. Esse processo vem acompanhado das formas de reprodução existentes no ambiente escolar onde o confronto entre o novo e o velho é esperado, certo de acontecer, em razão que a escola reproduz a lógica impiedosa do capital cultural, causando confusão social e alienação crítica.

De fato, as práticas atuais executadas em sala representam esse discurso, que para Santos (2000, p.39) se caracteriza como “um período que é uma crise”, onde “o que é transmitido á maioria da humanidade, é de fato, uma informação manipulada, que em vez de esclarecer confunde”. Garrido e Pimenta:

[...] para a necessidade de ver a escola como esfera cultural e política ativamente engajada na produção da(s) voz(es), na luta pelas possibilidades de expressão desta(s) nos espaços escolares e sociais em geral. (PIMENTA, 2004, p.109).

Concordando com os autores citados, as práticas realizadas com um fim transformador têm um papel fundamental na formação sociocultural do ambiente escolar, pois trazem condições que possibilitem o diálogo, conduzem a novas ideias e criam novos protagonistas dentro de sua própria história.

Tal afirmação se engaja no atual processo de integração existente no mundo, com a fluidez da informação, padronização dos hábitos culturais e de consumo, e preparar um aluno em fase de inserção no mercado de trabalho ou ensino superior tornam ainda mais relevante à participação deste na sociedade de forma crítica e independente.

Na fase atual do processo de globalização a cidadania deve ser um objetivo a ser alcançado e consolidado em sala de aula, principalmente em razão do alcance planetário da informação globalitária que aliena e confundem os espíritos, o que para Santos (2000, p.46) “Nesse mundo globalizado, a competitividade, o consumo, a confusão dos espíritos, constituem baluartes do presente estado das coisas”. Ainda para o autor supracitado (2000, p.46),

A competitividade comanda nossas formas de ação. O consumo comanda nossas formas de inação. E a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós mesmos.

Com base no exposto pelo autor, é importante a correta e crítica visão da totalidade mundo pelo alunado, como condição necessária para se integrar na sociedade de forma autônoma e independente.

Algumas questões devem ser pontuadas, possuindo forte influência no cotidiano escolar e que acabam limitando e até prejudicando no andamento e execução de atividades didáticas – pedagógicas:

Equipamentos eletrônicos – em razão de uma falta de bom zelo pelo bem público, os equipamentos na maioria das vezes estão danificados, já que muitas vezes são entregues aos alunos sem nenhum tipo de fiscalização por parte dos docentes e direção escolar. Nesse caso os equipamentos existentes são 2 data show que a escola utiliza nas suas atividades pedagógicas.

Material didático – em relação ao material didático utilizado no cotidiano observa-se o uso do livro didático pelo alunado, já outros recursos são uma raridade, como é o caso de mapas para observação de muitos aspectos existentes no espaço geográfico tendo como existente na escola apenas um mapa do Estado da Paraíba.

É sabido que a utilização de mapas permite uma maior percepção cartográfica do espaço por parte do alunado, mesmo quando o mesmo não seja mais o item preferencial dos docentes adaptados a utilizar equipamentos como o data show ou o DVD.

## **6 CONTATO COM OS ALUNOS**

O contato com os alunos foi feito mediante as observações em sala de aula, onde o professor titular fez a apresentação aos alunos, e diante da situação procurei me sentir bem a vontade para que pudesse analisar bem o local para saber como iria proceder com aquelas pessoas que em alguns dias iria estar sob meu “domínio”. Inicialmente o contato foi feito de forma positiva, a recepção feita por parte dos alunos foi bem proveitosa isso porque me fez ficar bem entusiasmado e já imaginando como seria feito o meu trabalho, sem falar que fui bem recebido pela gestora da escola o qual me deu carta branca para poder trabalhar nesse curto espaço de tempo que estive. Nos momentos preliminares foi feito um apanhado geral dos conhecimentos dos alunos

buscando observar as lacunas presentes na formação, e foram em cima dessa análise que procurei dar prosseguimento as aulas que o professor titular estava ministrando, isso para que não houvesse uma quebra de assunto que pudesse causar confusão na cabeça do alunado, e isso foi feito de forma bastante dinâmica procurando introduzir para eles que não bastava apenas estar utilizando um livro ou mesmo um quadro para poder passar algum assunto, mas sim de forma participativa, colocando as problemáticas do dia a dia.

## APÊNDICE: ANÁLISE DE CAMPO E DIAGNÓSTICO PRÁTICO

Foi realizado nos dias 24 e 29 do mês de Setembro de 2014, um estudo de campo e aplicado um questionário para alunos e professores, estudo esse que foi realizado na E.E.E.F.M DOM LUIZ GONZAGA FERNANDES, o qual está situado à Rua das Pitombeiras s/n – Conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiroz, no município de Campina Grande-Pb.

Foi fundada no governo de Tarcísio de Miranda Buriti, com a publicação no Diário Oficial, sob o Decreto Lei N°. 12.353 de 13 de janeiro de 1988. Seu funcionamento foi registrado sob a Resolução N°. 340/2001.

O nome da escola é uma homenagem feita pelo então Governador ao seu amigo o Bispo D. Luiz Gonzaga Fernandes, que vinha desempenhando um trabalho notável frente à Diocese desta cidade.

Dom Luiz Gonzaga Fernandes nasceu na cidade de Marcelino Vieira, que está localizada no Rio Grande do Norte, no dia 24 de agosto de 1926.

Fez curso secundário e filosofia no Seminário Arquidiocesano da Paraíba, em João Pessoa, Capital da Paraíba no ano de 1939-1964 fez teologia na Universidade de Roma-Itália, no período 1947 a 1951.

Aberta a comunidade em 18 de janeiro de 1988, a Escola Dom Luiz possuía como gestora a Sra. Nazilma Marques da Silva, uma Orientadora Educacional, nomeada a pedido do então Deputado Federal Cássio Cunha Lima e apresentada pela Professora Maria Goreth Lima, Diretora da 3ª Região de Ensino, àquela época.

O prédio que estava abandonado teve suas instalações elétricas e hidráulicas recuperadas com recursos da Secretaria de Educação e Cultura. Ao

mesmo tempo em que os serviços eram realizados, alunos eram matriculados (estudantes originários principalmente do bairro) e professores e funcionários recém - concursados e nomeados eram recebidos para compor o quadro de discente e pessoal de apoio da escola.

Aos 26 de agosto de 1988 a instituição é inaugurada oficialmente com a presença de representantes da 2ª Região de Ensino, as professoras Maria Goreth Lima e Maria de Fátima Toledo, membros da Sociedade de Amigos do Bairro como o Sr. Clóvis Barbosa de Lima, mães, alunos, pessoas da comunidade e alguns professores e funcionários. Foi à segunda escola estadual do conjunto Álvaro Gaudêncio, denominado “Malvinas”, a abrir suas portas para atender à comunidade daquele bairro.

No ano de 1990 foram designados os professores Ailton Caldas Lins e Heraldo Castro Cruz para exercerem a função de Vice-Diretor. No ano de 1991 com a eleição direta para gestores a Diretora fundadora lança a chapa “A Escola que queremos”, com as professoras Maria Nazareth Tavares Nascimento e Ana Lídia Rangel, não obtendo sucesso.

A comunidade com o espírito da renovação decide pela “MUDANÇA” Chapa representada pelos professores Maria José da Costa Melo (Diretora Geral) José Carlos Oliveira e Antônio Francisco Muniz (Vice-Diretores) este último, após algum tempo, pede transferência, os outros dois, após inquérito administrativo, são exonerados e substituídos pela Profa. Ana Francisca Motta Torreão que assume a direção da escola como interventora e depois escolhida por eleição direta.

Em abril de 2000, foram escolhidos Maria Nazareth Tavares Nascimento (Professora fundadora) e os professores Vânia Núbia Alves Oliveira e Josinaldo Luiz de Aquino para representar a direção escolar.

Hoje, a escola tem implantado o Projeto de Ação Solidária, do Governo do Estado, denominado CEPES – Centro Paraibano de Educação Solidária. A estrutura organizacional desse projeto é formada de um Coordenador Geral Administrativo; um coordenador Geral Pedagógico; um Diretor Geral; dois Vice-diretores; Supervisores Pedagógicos; um Secretário vale salientar que esta formação não corresponde a nossa realidade (ver Quadro de Pessoal), como

também está implantado o Projeto PDE – Plano de Desenvolvimento Educacional.

Na sua atual gestão, temos como Diretora a pessoa de Maria Nazareth Tavares Nascimento e como Vice-Diretora Edilene Alves Pereira.

## 7 DIMENSÕES FÍSICAS E INFRAESTRUTURA DA ESCOLA

### 7.1 Dimensões Físicas

Dependências	Quantidades
Salas de aula, sendo uma destinada para Sala de Recurso	13
Sala de Diretoria	01
Sala da Secretaria	01
Laboratório de Informática	01
Sala de Professores	01
Banheiros individuais destinados aos professores e funcionários	04
Banheiros coletivos masculinos com 05 unidades cada e feminino com 05 em cada bloco, destinados aos alunos.	02
Cozinha com dispensa	01
Sala para arquivos	01
Almoxarifado	01
Biblioteca	01
Auditório	01



**Figura 01:** Estrutura interna da escola.

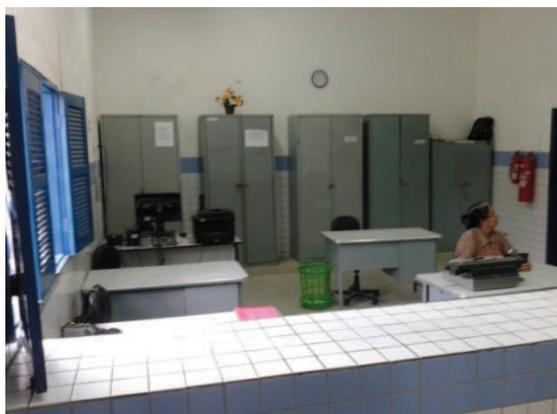


**Figura 03:** Sala de Monitoramento.

**Figura 02:** Pátio da escola.



**Figura 04:** Laboratório de Informática.



**Figura 05:** Secretaria da escola.



**Figura 06:** Biblioteca.



**Figura 07:** Sala de aula.



**Figura 08:** Áreas livres da escola.

## **8.2 Aspectos Estruturais e de Funcionamento:**

Por ser uma escola que apresenta uma boa estrutura física, abrangendo assim, uma população escolar com número superior a outras unidades do bairro. Atualmente, o Dom Luiz possui 1.174 alunos sendo estes distribuídos da seguinte forma: turno da manhã, que funciona o Ensino Fundamental I e II. A

escola atende 352 alunos na faixa etária de 7 a 17 anos. No turno da tarde funciona o Fundamental I, II e 1ª série do Ensino Médio, com um total de 292 alunos compreendidos na faixa etária de 9ª 30 anos. No turno da noite, por haver uma procura maior de matrículas, a escola oferece um número maior de vagas, atualmente ela possui 530 alunos matriculados desde a 1ª série do Ensino Fundamental II até a 2ª série do Ensino Médio, com faixa etária entre 16 até 60 anos.

De acordo com informações contidas nas matrículas destes alunos, podemos detectar que o turno da manhã é constituído de alunos que apresentam idade inferior a 17 anos, os quais na maioria são adolescentes, com predominância do sexo feminino.

No turno da tarde, esse quadro não muda muito só no turno da noite que por motivo de trabalho, a comunidade escolar é quase em sua totalidade, composta de adultos compreendidos acima de 18 anos de idade.

### **8.2.1 Equipamentos e Materiais Pedagógicos**

É notória a importância da infraestrutura para que a escola possa cumprir com a sua função, no entanto, não podemos cancelar que a qualidade do ensino seja esquecida por esse motivo. A Escola Dom Luiz, dispõe de um aparelho de som, 400 carteiras, uma máquina fotográfica, 04 máquinas de datilografia, 03 mimeógrafos, 01 microcomputador, uma impressora, 01 retro projetor, uma televisão, 01 videocassete, 13 quadros de giz e 30 materiais esportivos diversos.

De acordo com informações da escola, no que se refere a materiais pedagógicos no Ensino Fundamental, foram distribuídos 1.506 livros de cinco disciplinas diferentes, com todos os alunos. Encontram-se na Biblioteca da escola 200 livros didáticos do ensino de Jovens e Adultos e 1.800 paradidáticos.

A escola também possui 50 jogos pedagógicos, 07 mapas, 04 globos e 01 equipamento de laboratório.

Ainda como material permanente, a escola possui 400 carteiras, 400 cadeiras, 27 armários, 07 estantes, 01 freezer, 02 fogões industriais, 01 liquidificador, 02 arquivos e 03 filtros.

Dentro da análise visual houve também a aplicabilidade de um questionário que tinha em média 20 quesitos tanto para o professor como também para o aluno, o qual esses eram de turmas diferenciadas para que fosse feito um confronto em cima das respostas dos mesmos aonde podemos observar nos resultados seguintes.

Foi perguntadas ao aluno **1** do 1º ano turma manhã as seguintes questões:

**a) Você gosta de Geografia? Por quê?**

R: *Sim, pois estuda diversos temas interessantes.*

**b) O que entende por Geografia?**

R: *O que estuda sobre países, estados, regiões e sobre os temas atuais.*

**c) Quais as suas principais dificuldades em aprender Geografia?**

R: *Decorar ou aprender os significados das siglas.*

**d) Qual a importância da Geografia para você?**

R: *A maior importância é aprender sobre os acontecimentos do mundo atual.*

**e) O que entende por:**

1 – **lugar**: R: *lugar é um local novo para se conhecer.*

2 – **região**: R: *aquilo que faz parte do país.*

3 – **paisagem**: R: *um local interessante para se viajar e conhecer admirando suas paisagens naturais. Ex: pôr do sol em uma praia.*

4 – **território**: R: *um local conquistado.*

5 – **espaço**: R: *aquilo que envolve todas as coisas.*

**f) O que considera necessário para tornar as aulas de Geografia mais interessantes?**

R: *Tornar as aulas mais interativas.*

**g) As atividades de Geografia são realizadas em conjunto com outras matérias?**

R: *Sim, por envolver a maioria das matérias.*

- h) O livro didático de Geografia atende às suas expectativas? Por quê?**  
R: *Sim, por ser um livro com os principais temas.*
- i) As formas de avaliação adotadas em Geografia são adequadas?**  
R: *Sim.*
- j) Como gostaria de ser avaliado?**  
R: *Por trabalhos e por provas.*
- k) Você apresenta alguma dificuldade em ler mapas?**  
R: *Não.*
- l) Os assuntos estudados durante o ano são relacionados à realidade do seu município e da Paraíba?**  
R: *Na maioria das vezes.*
- m) Que sugestões você daria para aprender melhor o conteúdo da disciplina Geografia?**  
R: *Mais interação nas aulas.*
- n) Nas aulas de Geografia são utilizadas novas tecnologias como informática, DataShow etc.?**  
R: *Não.*
- o) Você participa de atividades extra-sala como aula de campo, reuniões escolares e projetos junto à comunidade?**  
R: *Sim.*
- p) Já estudo em turmas que receberam alunos estagiários? Se sim, fale sobre essa experiência.**  
R: *Não.*
- q) Os professores de Geografia atendem às suas expectativas? Por quê?**  
R: *Sim, por ter um método bom de avaliação.*

Aluno 2 do 2º ano manhã: respostas

- a) *Não, pois não consigo entender muito que se passa nela.*
- b) *Estuda o que está ao nosso alcance.*
- c) *Os mapas em geral.*
- d) *O que está acontecendo ao redor do mundo, e fazer pesquisas de décadas atrás.*

- e) O que entender por:
- 1 – **lugar** – *saber não só entre si mais dividir.*
  - 2 – **região** – *convivência de um para com o outro, assim seja região.*
  - 3 – **paisagem** – *não soube responder.*
  - 4 – **território** – *minha estrutura no que queremos.*
  - 5 – **espaço** – *tudo aquilo que vejo no universo.*
- f) *A utilização de data show.*
- g) *Sim, são realizadas muito com matemática tanto dentro da própria matéria.*
- h) *Em alguns casos sim, porque fico mais informada.*
- i) *Nem todas, pois devia ser mais marcadas do que escrita.*
- j) *Com trabalhos ou seminário ou provas marcadas.*
- k) *Sim, todas.*
- l) *Quase, nem tanto, pois os acontecimentos do mundo todo.*
- m) *Que fosse aprender com a explicação no data-show.*
- n) *Não, apenas o livro que enche o aluno.*
- o) *Não, mas na escola tem projetos mais nada que seja com a matéria geografia.*
- p) *Sim, mas não vi muita mudança, mais foi bom um pouco.*
- q) *Não, pois já tenho bastante dificuldade, e às vezes não pergunto ou digo para eles não serem grosso com os alunos.*

### **Aluno 3 do 3º ano manhã: respostas**

- a) *Sim, é uma disciplina importante para o desenvolvimento do aluno.*
- b) *Estuda onde moramos, espaço, territórios, paisagens.*
- c) *Ler mapas e identificar gráficos.*
- d) *É bastante importante pelo fato de estudar o mundo em que vivemos.*
- e) O que entende por:
- 1 – **lugar** – *onde nos situamos.*
  - 2 – **região** – *divisões, leste, oeste, norte, sul.*
  - 3 – **paisagem** – *o que vemos.*
  - 4 – **território** – *o que denominamos de nossa propriedade.*

5 – **espaço** – são o que se ente por algo e alguma coisa que existe ser vivo ou não.

- f) *Levar os alunos a lugares em que nos possamos ver realmente a geografia do lugar.*
- g) *Creio que sim engloba quase tudo.*
- h) *Sim, mas não tem informações atualizadas.*
- i) *Sim.*
- j) *Por métodos de aprendizagens. Ex: trabalhos, seminários e etc.*
- k) *Sim todas.*
- l) *Sim.*
- m) *Slides e aulas práticas.*
- n) *Sim, quando tem.*
- o) *Sim, eles estão com o assunto mais fixado na mente e trás segurança para o aluno.*
- p) *Sim.*

Foi realizado também um diagnostico com os professores de Geografia do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio e os mesmo responderam a um questionário e obtivemos as seguintes respostas:

Professora 1 do Fundamental II

**1 – Há quanto tempo leciona Geografia?**

R. *25 anos e 6 meses*

**2 – Em qual universidade/faculdade se formou e quando?**

R. *UFPB Campina Grande.*

**3 – Você gosta de sua profissão? Por quê?**

R. *Sim, porque gosto de desafios e ensinar na, minha opinião é sempre um desafio.*

**4 – Quais as maiores dificuldades em lecionar Geografia?**

R. *É realmente a falta de interesse do aluno.*

**5 – Os alunos gostam de Geografia? Explique.**

R. *Alguns gostam outros não e quando não gostam precisamos utilizar algum atrativo.*

**6 – Quais as maiores dificuldades apresentadas pelos alunos em relação à Geografia?**

R. *É que eles não gostam de ler e muito menos de refletir sobre o assunto.*

**7 – Em sua opinião, o que precisa melhorar em sua prática pedagógica?**

R. *É exatamente encontrar esses atrativos para estimular o interesse do aluno.*

**8 – O que considera necessário para a valorização do magistério?**

R. *Acho que salário, condições para esse estímulo e a participação da família.*

**9 – Qual o livro didático adotado em sua escola e que avaliação faz dele?**

R. *É o da editora ática e o considero um bom livro.*

**10 – Você realiza aula de campo com seus alunos?**

R. *Difícilmente*

**11 – Existe projeto político – pedagógico em sua escola? Ele está em execução?**

R. *sim*

**12 – você costuma planejar as aulas de forma integrada com professores de outras disciplinas?**

R. *Não, primeiro eu planejo na área de humanas.*

**13 – O que considera necessário para que os alunos compreendam os conceitos e categorias Geográficas?**

R. *Que eles adquiram a vontade de ler e interpretar o que leram.*

**14 – Você utiliza novas tecnologias em suas aulas?**

R. *Algumas, mas no geral vou pelo tradicional.*

**15 – Como trabalha os conteúdos locais nas aulas de Geografia?**

R. *Explico e depois faço atividades.*

**16 – Você participa de cursos de capacitação/formação continuada? Por quê?**

R. *alguns, eu já participei. Eu gosto inclusive*

Obs.: A mesma deixou de responder algumas alternativas.

PROFESSORA 2 DO ENSINO MÉDIO

- 1 – R. *16 anos*
- 2 – R. *Na UEPB/ em 1999.2.*
- 3 – R. *Sim. Sempre fui professora, comecei no infantil e tomei gosto.*
- 4 – R. *Hoje em dia as dificuldades são mais pelos alunos.*
- 5 – R. *Sim. Achem uma aula muito dinâmica.*
- 6 – R. *As dificuldades por eles apresentado é mais por falta de interesse.*
- 7 – R. *Ter mais dinâmica como (sala de vídeo).*
- 8 – R. *Mais incentivo para o professor como o seu piso salarial.*
- 9 – R. *Espaço Geográfico e Globalização (Scipione) gosto muito dele, é muito atualizado.*
- 10 – R. *Pouco, pois não temos ônibus para levar e os alunos mesmo se recusam a pagar.*
- 11 – R. *Existe sim. Anualmente ele é atualizado como professores e direção.*
- 12 – R. *Sim*
- 13 – R. *Ter mais interesse e participação por parte dos alunos.*
- 14 – R. *Sim, data show, internet.*
- 15 – R. *Sim*
- 16 – R. *Sim. Pois eu acho até uma maneira de trocarmos ideias com nossos colegas.*
- 17 – Você desenvolve projetos que mobilizam alunos, professores e a comunidade? Fale sobre tais projetos de forma sucinta.  
R. *Sim. Exemplos: violência na escola. Anualmente um grupo de professores trabalha com eles temas, fazemos caminhada pelas ruas envolvendo a comunidade para evitar a violência.*
- 19 – Como avalia a sua escola?  
R. *Excelente, participativa em tudo, da direção a professores.*
- 20 – Você já recebeu alunos estagiários de Geografia? Fale sobre a experiência.  
R. *Não*
- 21 – você desenvolve ou já desenvolveu projetos com os professores de estágios?  
R. *Não*

22 – Você considera adequado o modelo de estagio supervisionado adotado em sua escola? Se não, dê sugestões para aperfeiçoá-lo.

R. *E muito bom, pois é um crescimento e experiência para os dois lados.*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Depois de observar a escola e perceber sua dinâmica podemos perceber o grande desafio que é ser professor. O envolvimento com a escola extrapola os muros que à cerca. Os desafios são os maiores encontrados em uma sociedade que comungam do mesmo espaço.

Na E.E.E.F.M. DOM LUIZ GONZAGA FERNANDES, apesar das dificuldades que não se restringe apenas a ela, encontrou professores preocupados com desenvolvimento educacional dos alunos, sempre planejando aulas que procurem transformar seus alunos em cidadãos conscientes do seu presente e futuro.

Apesar das dificuldades sejam elas sociais estruturais ou curriculares, a busca por uma educação de qualidade se faz presente nas salas de aulas, isso nos mostra o grande desafio enfrentados pelos professores, mas que de forma quase que heroica procuram mostrar os melhores caminhos para seu alunado.

Superar os modelos tradicionais ainda constitui um grande desafio, aproximar teoria e prática, Geografia Acadêmica e Escola, são esforços que devem entrar nos currículos do Ensino Básico e Superior, incentivar a formação continuada dos professores é um caminho para uma escola mais justa e que dê igual oportunidades a todos constitui um grande desafio para a Geografia do século XXI.

## ABSTRACT

This of course work Conclusion (CBT) aims to report a teaching experience gained during the course of supervised internship performed at the State Elementary School and Middle Dom Luiz Gonzaga Fernandes, located at Rua das Pitombeiras S/N - Set Alvaro Gaudêncio de Queiroz, in the city of Campina Grande-PB, through the State University of Paraíba - UEPB, elementary stage in the life of licensing conclusive Geography course. Sought to past work, besides the approach to teaching practices, both in theory and in practice, contribute to the reflection on the supervised training, the teaching of Geography and teacher education. Methodologically, it is a qualitative research, based on specialized theoretical framework, on-site observations and participation, whether in governing the stages or participation in school life as a whole, which enables us to conduct further reading of School Geography and school.

**Keywords:** Supervised Internship. School Geography. Teacher training.

## REFERÊNCIAS:

BARREIRO, Iraídes Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores.** – São Paulo: Avercamp, 2006.

[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb35\\_03.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb35_03.pdf)

<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/649.pdf>

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org.). **Para Onde Vai o Ensino de Geografia?** 9ª Ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra. (Orgs). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** 2ª Ed. São Paulo: Contexto 2010.

PERRENOUD, Philippe. "Práticas pedagógicas e profissão docente: Três facetas." In: **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação. Perspectivas sociológicas.** Tradução de Helena Faria, Helena Tapada, Maria João Carvalho e Maria Nóvoa. Lisboa, Dom Quixote, 1993.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática?** 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** 3ª Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

PONTUSCHKA, N.N; OLIVEIRA, A. U. de (Orgs.) **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa.** 3ª Ed., São Paulo: Contexto, 2010.

VESENTINI, José. W. A formação do professor de geografia: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, A. U. de; PONTUSCHKA, N. (Org.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa.** São Paulo: Contexto, 2002, p. 235-246.

ZABALA, Antoni. **A PRÁTICA EDUCATIVA: como ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.